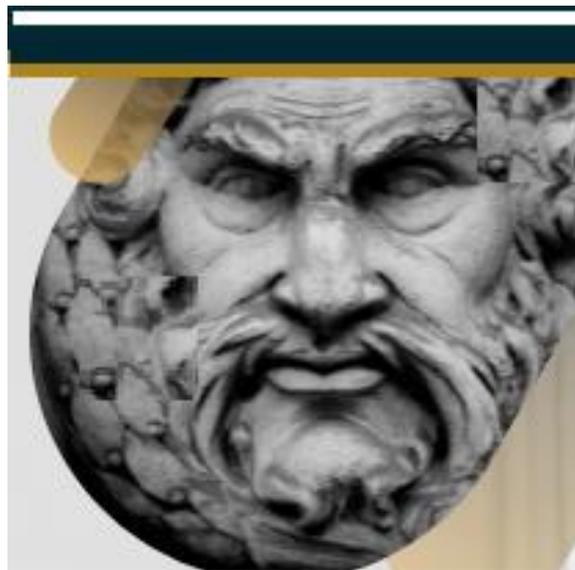




**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIENCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
NUCLEO DE ESTUDOS DA ANTIGUIDADE**



XIX Jornada de História Antiga



III Jornada Virtual Internacional de História Antiga e Medieval

22 a 26 maio de 2023

Religião, Conectividade e Conflitos no Mediterrâneo Antigo

**Rio de Janeiro
2023**



EXPEDIENTE

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Reitor. Mario Sergio Alves Carneiro

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIENCIAS HUMANAS

Direção. Jaime Antunes

PR1 - SUB-REITORIA DE GRADUAÇÃO

Sub-Reitor. Lincoln Tavares Silva

PR2 – PESQUISA E PROCIENCIA

Sub-Reitor. Luis Antonio Campinho Pereira da Mota

PR3 – EXTENSÃO E CULTURA

Sub-Reitora. Claudia Gonçalves de Lima

PR4 – POLÍTICAS E ASSISTENCIA ESTUDANTIS

Sub-Reitora. Catia Antonia da Silva

PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Coordenação. Beatriz de Moraes Vieira

Vice Coordenação. Carlos Eduardo Pinto de Pinto

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA ANTIGA E MEDIEVAL

Coordenação. Maria Regina Candido

A obra integra o Projeto de Publicação Antiguidade, sob direção da Prof.^a Dr.^a
Maria Regina Candido.





Coordenação do Evento

Prof.^a Dr.^a Maria Regina Candido - UERJ
Prof.^a Dr.^a Katia Paim Pozzer - UFRGS
Prof. Dr. Alair Figueiredo Duarte – UERJ

Comissão Científico

Prof.^a Aikterine Lefka – Univ. de Liège, Belgica
Prof.^a Clarisse Prêtre - Univ. de Paris Quest, Fr
Prof. Claudio Umpierre Carlan - Univ. de Alfenas, MG
Prof. David Valério Gaia – UFRJ
Prof.^a Elsa Rodrigues - Univ. Buenos Aires, Arg.
Prof. Fábio Favarsani – UFOP
Prof. Gilberto Francisco – UNESP
Prof. Gilvan Ventura – UFES
Prof. Joshua P. Nudell - Univ. of Missouri, USA
Prof. Lucas Rodrigo – Univ. Nacional de Lomas de Zamora, Arg.
Prof.^a Luz Mattiali - Univ. de La Plata, Arg.
Prof.^a María Cecília Colombani - Universidad de Moron, Arg.
Prof. Pedro Paulo Funari – UNICAMP
Prof.^a Regina Maria Bustamante – UFRJ

Assessoria Executiva

Prof. Dr. José Roberto de Paiva Gomes - NEA/PPGHC/UFRJ
Prof. Dr. Junio Cesar Rodrigues Lima- NEA/PPGH/UERJ
Prof. Me. Doutorando Felipe Nascimento de Araújo - NEA/PPGH/UERJ
Prof. Me. Doutorando Albertino da Silva Lima - NEA/PPGH/UERJ
Prof. Esp. Mestrando Allan Cezar Alonso NEA/PPGH/UERJ
Prof.^a Esp. Vilma Freire Caldeira - NEA/UERJ
Graduanda Raphaela Alves Belmont - NEA/UERJ

Equipe de Assessoria Executiva

Composta pelos alunos de graduação, bolsistas e pesquisadores voluntários do NEA/UERJ.

Ficha catalográfica

CANDIDO, M. R., DUARTE, A. F. & PAIM-POZZER, K. M. (Org.)

XIX JIHA & III JVIHA. Religião, Conectividade e Conflitos no Mediterrâneo Antigo / Candido, M. R. et alli
Rio de Janeiro: Editora NEA/UERJ, 2023.

p./
ISSN 1676-7071

1.História Antiga; 2. Mediterrâneo Antigo; 3. Pesquisas I. Candido. M. R. II. Evento; III. Jornadas
CDD.930.000

XIX Jornada Internacional de História Antiga
III Jornada virtual de História Antiga
Religião, Conectividade e Conflitos no Mediterrâneo Antigo
De 22 a 26 de maio de 2023

I. Apresentação

Desde o seu início, em 1998, as atividades de pesquisa e extensão desenvolvidas pelo NEA vêm construindo um espaço de debates e diálogos entre os pesquisadores brasileiros e estrangeiros que desenvolvem estudos sobre sociedades antigas, visando à apresentação do estado atual de suas pesquisas. O tema "Religião, Conectividade e Conflitos no Mediterrâneo Antigo" nos permite trazer questões como as práticas de sociabilidade nas sociedades mediterrâneas que celebravam a ritualização do contato com o estrangeiro através da importação e exportação de cultos e práticas religiosas características da Antiguidade e do Medievo.

Através dos ritos religiosos, os mediterrâneos estabeleceram pactos, tratados, relações de *philia* e *amicitia*, solidariedade e ajuda mútua visando minimizar os confrontos ou conflitos gerados pela dificuldade de se viver em um mundo de diversidade étnica, sociocultural e, ainda, de multiculturalismo que, por sua vez, deixava as sociedades mediterrâneas em constante processo de transformação, gerando identidades fluidas, compartilhadas e interseccionais, além de comunidades híbridas, lugares antropológicos, não-lugares e etnicidades.

A proposta do evento nos leva a estabelecer encontros, contatos em meio ao ritual de reflexão e convívio com o outro, realizar as trocas e reafirmar o consenso e a negociação da convivência. O encontro acadêmico nos permite analisar o poder da ritualização e da tolerância com o outro diante da diversidade de crenças, cultos e costumes e como repensar e estabelecer o contato com as diferentes maneiras de conviver mediante a diversidade existente tanto na Antiguidade e Medievo quanto na Pós-Modernidade.

Comissão Organizadora

CRONOGRAMA GERAL DO EVENTO



Conferencistas

Prof. Dr. Airton Pollini - Université Haute-Alsace, França

Prof.^a Dr.^a Ana Iriarte Goni - Universidad del País Basco, Espanha

Prof. Dr. Fábio Augusto Morales Soares - Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira - Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Prof. Dr. Inácio Valentim - Instituto Superior Politécnico Sol Nascente, Huambo/Angola

Prof.^a Dr.^a Kátia Paim Pozzer - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

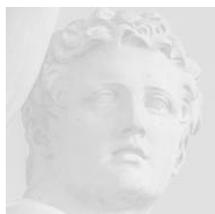
Prof.^a Dr.^a Maria Cecilia Colombani - Universidad de Moron, Universidad de La Plata, Argentina

Prof. Dr. Rafael de Carvalho Matiello Brunhara - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Prof. Dr. Roosevelt Araujo da Rocha Jr - Universidade Federal do Paraná, Brasil

Prof. Dr. Sylvain Perrot - Université de Strasbourg, França

Horário	22/05	23/05	24/05	25/05	26/05
10:00 – 12:00	Abertura *Ana Iriarte Goni *Maria Cecilia Colombani	Palestras *Roosevelt Araújo da Rocha Jr *Sylvain Perrot	Palestras *Airton Pollini *Rafael de Carvalho Matiello Brunhara	Palestras *Fabio Vergara Cerqueira *Fabio Augusto Morales Soares	Encerramento *Maria Regina Candido *Kátia Paim Pozzer *Inácio Valentim
12:00 – 13:30	Intervalo	Intervalo	Intervalo	Intervalo	Intervalo
14:00 - 17:00	Comunicação	Comunicação	Comunicação	Comunicação	Comunicação



PROGRAMAÇÃO DIARIA

Horário	22 de maio de 2023 – Segunda-feira
10:00	<i>Abertura das Atividades e Palestras I</i>
12:00	Abertura - Coordenação Profa. Dra. María Cecilia Colombani Universidad de Morón/Universidad de Mar del Plata/UBACyT. <i>Dispositivo religioso, tensiones y juegos de poder. Apolo, Epiménides y la tradición chamánica.</i>
	Profa. Dra. Ana Iriarte Gõni Catedrática de Historia Antigua en la Universidad del País Vasco/EHU. <i>Timarco y la figura del no-binario en la antigua Atenas</i>
Coordenação	Profa. Maria Regina Candido - UERJ

Horário	Comunicação 01
14:00	Thiago do Amaral Biazotto Unicamp – História – Doutorado <i>Os 18 leões de Nínive: iconografia venatória assíria no palácio norte de Nínive</i>
14:15	Amanda Martins Hutflesz UFRJ – História Comparada - Mestrando (a) <i>Ptolomais enfeitizada e Antínio-Osiris Justificado: A crescente difusão das práticas de magia erótica em Atenas nos séculos V – IV a.C.</i>
14:30	Heloisa Motelewski Trippia UFPR - História – Licenciatura - Graduando (a) <i>Conectividades Isíacas em Tensões Discursivas Contemporâneas: As religiosidades romana e egípcia sob o prisma cinematográfico de Ambrosio (1913)</i>
14:45	Marina Pereira Outeiro UERJ – Doutorado <i>Mães, esposas e filhas: a participação feminina da sucessão real cuxita (VIII-V a.C.)</i>
15:00	Mohamed Zein Université de Strasbourg – Egyptology – Doutorado <i>The Rites of Funeral processions as Tools for Overcoming Death</i>
15:10 – 15:30	DEBATES
Coordenação	Prof. Alair Figueiredo Duarte - PPGH/UERJ - NEA/UERJ – História

Horário	Comunicação 02
15:45	João Pedro Barros Guerra Farias UFRJ - PPGHC - Mestrando – História – Fábio de Souza Lessa (orientador) <i>Emoções e gênero: uma análise comparada dos medos entre Homero e Virgílio</i>
16:00	Camila Alves Jourdan UERJ - PPGH - Pós doutoranda - História <i>“Saciar-se do pranto”: o luto de homens e mulheres na tradição homérica</i>
16:15	Larissa Barbosa de Oliveira UERJ - História - Graduando (a) - Dra. Maria Regina Candido (orientadora) <i>As representações dos Cultos de Mistérios na Grécia Clássica: Orfismo em perspectiva</i>
16:30	Brunna Fernanda Freire Bezerra da Cruz UFPE - História - Mestrando (a) - Prof. Dr. Renato Pinto (orientador) <i>A etnicidade dos Povos do Mar por meio das fontes egípcias: um caminho possível.</i>
16:45 17:00	Caio Filipe dos Santos Negreiros, Emanuel Amaro dos Santos Fernandes, Julia Annido Nunes, Matheus Bittar de Paula Tavares e Yasmin Gomes Cardozo UFRRJ - História - Graduandos (as) – Profa. Dra. Nely Feitoza Arrais <i>Línguas antigas e o ensino de história: o egípcio clássico como objeto de estudo.</i>
17:15-17:30	DEBATES
Coordenação	Profa. Camila A. Jourdan - UERJ

Horário	23 de maio de 2023 – Terça-feira
	<i>Palestras II</i>
10:00 12:00	Prof. Dr. Roosevelt de Araújo Rocha Jr. Universidade Federal do Paraná/UFPR <i>A imagem ambígua do poeta-músico nos Hinos Homéricos</i>
	Prof. Sylvian Perrot Université Strasbourg, França <i>Music, religion and diplomacy in the ancient Greek world</i>
Coordenação	Prof. Felipe Nascimento de Araujo – UERJ/Université Strasbourg

Horário	Comunicação 03
14:00	José Petrúcio de Farias Junior UFPI - História – Doutorado <i>A invenção do nascimento de Jesus de Nazaré entre Celso e Orígenes: controvérsias religiosas</i>
14:15	Matheus da Silva Carmo UFJF - História - Mestrado <i>Atalia, a rainha regente do reino de Judá (842 a.C.—837 a.C.)</i>
14:30	Beatriz Gambini Comba de Araujo UFF – História - Graduado (a)

	<i>Relações de gênero a partir do Tratado do Amor Cortês: Uma análise sobre as representações do feminino e masculino em André Capelão</i>
14:45	Maria do Carmo Parente Santos UERJ – História - Doutorado <i>Império, Cristianismo e Conversão</i>
15:00	Daniel Soares Veiga UERJ – História – Doutorado <i>A mentalidade militarista romana e sua influência sobre a ritualística dos primeiros cristãos</i>
15:10- 15:30	DEBATES
Coordenação	Profa. Maria do Carmo Parente Santos – UERJ

Horário	Comunicação 04
15:45	Junio Cesar Rodrigues Lima NEA/UERJ – História – Doutorado <i>Herodes rei dos judeus ou monarca dos judeanos: quando o rito de pertencimento não é suficiente para gerar inclusão étnica e minimizar conflitos sociais</i>
16:00	Bernardo Araújo Belfort Bastos UFRJ - Mestrando (a) - Maria Regina Candido (orientador) <i>Si vis pacem para bellum: entre o sagrado e as conexões no Mediterrâneo Antigo, se encontra o ano de 146 a. C., onde Roma destruiu duas cidades: Cartago e Corinto.</i>
16:15	Luana Grace Guerrieri Araújo UERJ - Mestrando (a) - Profa. Dra. Maria Regina Candido (orientador) <i>O Rapto das Sabinas: espetáculo e amor na narrativa ovidiana (Ars Amatoria I, vv. 101-131).</i>
16:30	Sidney de Souza Barros UERJ-NEA - Mestrado <i>A Tribunicia potestas plebeia e sua representatividade política através de Octavianus Augustus (23 a.C. – 14 d.C.)</i>
16:45	Albertino da Silva Lima UERJ – História - Doutorado <i>Simão, o mago de Samaria nas Pseudoclementinas: Conflitos mágico-filosóficos e a circularidade cultural entre os primeiros cristãos.</i>
17:00	Victor Lisboa da Fonseca Santos UFRJ - História - Mestrando (a) Deivid Valério Gaia (orientador) <i>As relações de Trabalho em Qumran: reflexões iniciais sobre a economia monástica às margens do Mar Morto</i>
17: 15	Allan Cezar Alonso UERJ – História – Mestrando(a) - Dra. Maria Regina Candido (orientadora) <i>A representação da philia entre atenienses e citas a partir das análises nas cerâmicas da região Ática no período Clássico.</i>
17:15-17:30	DEBATES
Coordenação	Prof. José Roberto de Paiva Gomes - CEHAM/NEA/UERJ

Horário	24 de maio de 2023 – Quarta-feira
	<i>Palestras III</i>
10:00 12:00	Prof. Dr. Airton Pollini U. Haute-Alsace, Mulhouse, França <i>Um olhar sobre conectividade, colonização e herói fundador (oikistes) no mundo grego arcaico e clássico</i>
	Prof. Dr. Raphael de Carvalho Matiello Brunhara Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS
Coordenação	Profa. Dra. Camila Jourdan – UERJ

Horário	<i>Comunicação 05</i>
14:00	Alexandre Martins Moreno CUCL – História – Graduando (a) <i>Calígula na obra de Suetônio: o Príncipe e a caracterização de seu governo</i>
14:15	Pedro Paulo Guimarães Teles da Costa CUCL – História - Graduando (a) <i>Heliogábalo e a literatura romana: questões de alteridade e sexualidade</i>
14:30	Severino Altoniles de Freitas CUCL – História - Graduado (a) <i>Ensino de História antiga para o ensino fundamental: imperadores romanos e ação política</i>
14:45	Thiago de Almeida Lourenço Cardoso Pires UNIRIO-PPGH/UMinho – CUCL - História – Doutorado <i>Nero em ‘A Vida dos Doze Césares’: Discurso e análise sobre a figura do mau príncipe</i>
15:00	Pedro Belfort UFRJ – História - Mestrando (a) - Daniel Brasil Justi (orientador) <i>Inventando Impérios: o caso comparado dos Impérios Romano e Chinês</i>
15:15- 15:30	DEBATES
Coordenação	Prof. Thiago de Almeida Lourenço Cardoso Pires - UNIRIO/CUCL

Horário	<i>Comunicação 06</i>
15:45	Felipe Marques Maciel UFRJ – Letras Clássicas - Doutorando (a) - Fábio de Souza Lessa (orientador) <i>Gestar e gerir emoções nas épicas homéricas: conflitos entre o cuidar de si e o cuidar dos outros</i>
16:00	Mateus Mello Araujo da Silva UFF-NEREIDA/USP-MAE - Doutorando – História <i>Deuses e heróis entre Argólida e Ásia Menor: Atena, Pégaso e Belerofonte na Cária e na Lícia</i>
16:15	Mariana Figueiredo Virgolino UFF - História – Doutorado

	<i>Deméter, Perséfone e os Deinomênidas: Religião e Crise na Sicília Antiga (séculos VI-V a.C.)</i>
16:30	Juliana Magalhães dos Santos USP-MAE/ UFF-NEREIDA - Pós-doutoranda – Arqueologia <i>“O que não tem duas partes, na verdade existe”:</i> <i>Androginia e erotismo na produção iconográfica da Magna Grécia no IV séc a.C.</i>
16:45	Ninna Koritzky Falconiere Lopes UFF-NEREIDA - Mestranda - História <i>Do bosque ao mar: análise iconográfica da Tumba da Caça e da Pesca da necrópole de Monterozzi na Tarquinia</i>
17:00-17:15	DEBATES
Coordenação	Profa. Camila Jourdan - UERJ

Horário	25 de maio de 2023 – Quinta-feira
10:00	<i>Palestras IV</i>
12:00	Prof. Dr. Fabio Vergara Cerqueira Universidade Federal de Pelotas/UFPEL <i>Devoção a Eros e Afrodite nos rituais de iniciação amorosa na pintura dos vasos ápulos (séc. IV a.C.)</i>
	Prof. Dr. Fabio Augusto Morales Soares Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC
Coordenação	Prof. Alair Figueiredo Duarte - PPGH/UERJ - NEA/UERJ – História

Horário	<i>Comunicação 07</i>
14:00	Amanda Cristina Amorim Silva Neves UEMA-PGHIST – História - Doutorando (a) <i>Ostia Antica, Portus Romae: Circularidades e Conexões no Século II D. C.</i>
14:15	Amanda de Carvalho Santos Lima UFRJ – História - Graduando (a) <i>Conflitos entre o poder imperial e o episcopado romano: o caso da Imperatriz Eudóxia (395-404) e o bispo João Crisóstomo em Constantinopla (397-403)</i>
14:30	Ian Cartaxo Machado USP - Mestrado - História Econômica <i>Nobilitas, Creditores, Debitores e a Coerção: Dominação Social e Endividamento</i>
14:45	Jessica Brustolim USP - PPGHS - Mestrando (a) <i>Magia e Religiosidade Popular nas Defixionum Tabellae Mogontiacenses</i>
15:00	Alair Figueiredo Duarte UERJ-PPGH – UERJ-NEA – História - Doutorado <i>A trierarchia e suas conectividades a partir de uma análise do discurso da Argonáutica de Apolônio de Rodes</i>
15:15-15:30	DEBATES
Coordenação	Prof. Alair Figueiredo Duarte – UERJ/PPGH – UERJ/NEA – História

Horário	26 de maio de 2023 – Sexta feira
10:00	<i>Palestras V</i>
12:00	Profa. Dra. Maria Regina Candido Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ <i>Encerramento</i>
	Profa. Dra. Katia Paim-Pozzer Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS <i>Entre o caos e a ordem: conflito divino em Enêida Eliš</i>
	Prof. Inácio Valentim ISPSN e ITSN-Angola <i>Quem é este que passa e que fica conosco no conceito Bantu de transeunte?</i> <i>Reflexões sobre o deserto e a paciência do silêncio na sagacidade filosófica</i>
Coordenação	Profa. Maria Regina Candido - UERJ

Horário	<i>Comunicação 08</i>
14:00	Darcylene Pereira Domingues UFPEL – História - Doutorando (a) <i>Discurso e ação feminina em As Traquínias e Medeia</i>
14:15	Giselle Moreira da Mata UFG – HISTÓRIA - Doutorando (a) <i>A Guerra de Tróia na Epopeia e Tragédia grega: Ambiguidades entre o herói de Homero e Eurípides (Século VIII e V a.C.).</i>
14:30	José Roberto de Paiva Gomes UERJ - CEHAM/NEA – História - Doutorado <i>A relação Bendis-Themis: religião, conectividade e xênia entre atenienses e trácios</i>
14:45	Rafael Silva dos Santos UERJ - História – Mestrado <i>O mito do herói fundador como matriz religiosa da polis grega</i>
15:00	Felipe Nascimento de Araujo UERJ - História Política - Doutorando (a) <i>Questões acerca do conceito de trabalho e profissionalismo na Antiguidade Clássica: uma análise do ofício e da prática musical na cultura helênica.</i>
15:15	João Vinícius Gondim Feitosa UFPE – História - Doutorando (a) - Renato Pinto (orientador) <i>Higeia de sorriso suave: a construção literária da deusa da saúde na Grécia Antiga</i>
15:30-15:45	DEBATES
Coordenação	Prof. José Roberto de Paiva Gomes - CEHAM/NEA/UERJ
Horário	<i>Comunicação 09</i>
16:00	Bruno de Cerqueira Braz UERJ – História - Graduando (a) - Maria Regina Candido (orientador)

	<i>Rio Aqueronte: a última fronteira entre a vida e a morte</i>
16:15	Gustavo Henrique Marques Maciel UERJ - História - Graduando (a) - Maria Regina Candido (orientador) <i>O Papel da Cozinha e dos Alimentos no Antigo Egito.</i>
16:30	Renan Furtado de Luna UFRJ – História - Graduando (a) - Deivid Valério Gaia (orientador) <i>O relacionamento de Marco Antônio e Cleópatra na política entre Roma e Egito</i>
16:45	Michelle Paiva Marinho UFRJ - Letras Clássicas - Mestrando (a) - Fernanda Messeder Moura (orientador) <i>Eram os 3 reis magos mitraístas?</i>
17:00	Ana Beatriz Siqueira Bittencourt UFRJ – História Comparada - Doutorando (a) - Maria Regina Candido (orientador) <i>A comunicação e representação dos símbolos judaicos na antiguidade</i>
17:15	Tayná Yasmin de Almeida Rosa UERJ – Arqueologia - Graduando (a) Maria Regina Candido (orientadora) <i>Sacerdotisas de Isis: Sinais da cultura material em Pompéia entre os séculos c.69 - 79 d.C.</i>
17:30	Jerrison Patu de Melo Alves UFRJ – PPGHC - Mestrando (a) - Maria Regina Candido (orientador) <i>Os persas de Ésquilo sob a ótica do multiculturalismo proposta pela hetaireia dos democratas na Atenas Clássica (472 a.C.)</i>
17:45-18:00	DEBATES
Coordenação	Prof. Jerrison Patu de M. Alves – PPGHC-UFRJ





PALESTRAS

Prof. Dr. Airton Pollini

Universidade de Haute-Alsace, Mulhouse (França)

Um olhar sobre conectividade, colonização e herói fundador (oikistes) no mundo grego arcaico e clássico

A historiografia contemporânea, principalmente em língua inglesa, propôs uma revisão da dita colonização grega da época arcaica, chegando a negar a validade dessa expressão. Dentro desse debate, a figura do fundador das novas cidades (oikistes) é central não somente para a expedição colonial em si, mas sobretudo como elemento de unidade da nova comunidade. O fundador passa a ser considerado como um herói, comparado aos heróis das lendas mais antigas, e a arqueologia identificou alguns raros exemplos de monumentos erigidos em sua homenagem em plena ágora (Cirene, Poseidonia, Selinunte), prováveis lugares de culto. A comunicação pretende visitar esses monumentos e mostrar sua importância desde a época arcaica, mas que continua ativa até ao menos o século IV a.C.

Profa. Dra. Ana Iriarte Goñi:

Catedrática de Historia Antigua en la Universidad del País Vasco/EHU.

Timarco y la figura del no-binario en la antigua Atenas

El personaje histórico de Timarco, ciudadano ateniense acusado de haberse prostituido en su juventud, según informa el conocido discurso del orador Esquines, nos permitirá contemplar los grandes trazos del universo griego de la prostitución en el que se desenvolvían con similar soltura tanto hombres y mujeres como figuras no-binarias.

Prof. Dr. Fabio Vergara Cerqueira

Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)

Devoção a Eros e Afrodite nos rituais de iniciação amorosa na pintura dos vasos ápulos (séc. IV a.C.)

Na pintura dos vasos ápulos do séc. IV a.C., principalmente nas *pelikai*, *hydriai* e *lebetes gamikoi*, ocorre um esquema em que, combinando personagens, objetos e gestos, identificamos fórmulas para representar ritos relacionados à vida amorosa (rituais preparatórios que precediam o matrimônio ou consagravam a união). O uso dessas fórmulas pressupõe a adesão às crenças e ritos representados. Além das figuras-tipo, destacam-se gestos, olhares e objetos, empunhados e mobilizados em posições prescritas pelo fim sagrado destes ritos. É clara a diferença de como empunhar um espelho para o uso doméstico ou ritualístico. Trata-se de um sistema de objetos, onde estes operam como atributos da cena. A combinação entre gesto e objeto compõe a sintaxe que designa variantes destes cultos, de modo ambivalente

misturando-se objetos genuinamente sagrados e objetos originalmente domésticos. Uma combinação recorrente é mostrar no anverso do vaso um ato ritualístico que consagra a união matrimonial, com Eros e Afrodite no campo superior, e no reverso um ritual preparatório, que capacita o noivo ou a noiva, em presença de mulheres mais velhas oficiantes destes cultos, como nos *lebetes* New York 17.46.2 e Tübingen 28.5440. Focaremos mais as cenas “Lado B”, que mostram rituais pré-nupciais próprios da cultura híbrida da Magna Grécia, onde se percebe a devoção a Eros e Afrodite na base das crenças que impulsionam estes rituais. Enquanto nos rituais nupciais temos o casal, nestes rituais de iniciação para a vida amorosa oficiados por mulheres adultas, tem-se alternadamente o noivo ou a noiva. Estudaremos alguns destes rituais, apontando sua articulação com a crença na intercessão de Eros e Afrodite.

Prof. Dr. Ináco Valentim

Instituto Superior Politécnico Sol Nascente
Instituto Numa I- Angola

Quem é este que passa e que fica conosco no conceito Bantu de transeunte? Reflexões sobre o deserto e a paciência do silêncio na sagacidade filosófica.

Quantos de nós hoje ainda temos tempo de parar e de olhar para o belo e de contemplá-lo? Quantos de nós ainda perguntamos sem malícia sobre aquilo que achamos feio? E quanto de nós olhamos para as luzes ou as sombras do nosso interior e do nosso dia-a-dia com vontade de falar com elas? O nosso objetivo nesta comunicação é dialogar com as perguntas que não fazemos e com as respostas que andamos a fugir a partir da perspectiva Bantu de “le passant qui passe, tout en restant avec nous”.

Profa. Dra. Katia Maria Paim Pozzer

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Entre o caos e a ordem: conflito divino em Enûma Eliš

O poema Enûma Eliš, que teria sido escrito no final do século XII aEC, narra a aversão mesopotâmica ao caos e o longo e conflituoso processo de surgimento dos deuses, da natureza e do homem. Era imperioso ordenar o mundo e, para isso, foi necessário realizar uma luta sangrenta entre divindades e estabelecer um vencedor que iria nomear e, assim criar, o Universo. Propomos uma análise deste documento excepcional que apresenta a cosmovisão de uma das primeiras culturas da antiguidade.

Profa. Dra. María Cecilia Colombani

Universidad de Morón/Universidad de Mar del Plata/UBACyT.

Dispositivo religioso, tensiones y juegos de poder. Apolo, Epiménides y la tradición chamánica.

Desandar el camino de la más remota tradición médico-religiosa en la Grecia Antigua implica desandar el camino de la mismísima sabiduría.

Nos proponemos abordar la experiencia médica en el marco de una lógica de la ambigüedad, propia de la experiencia de pensamiento mítico. En principio, queremos remitirnos a cierta configuración propia del pensamiento mítico, donde el campo de tensiones habla de una lógica que se mueve en los términos de lo oculto y lo des-oculto, de lo que se muestra o se oculta, inscrita en juegos de poder.

Este escenario mental intersecta el campo de la más arcaica experiencia médica, en la medida en que la medicina guarda cierto parentesco simbólico con la sabiduría y el médico aparece como un sabio.

En estas líneas introductorias, queremos presentar algunas metáforas que guiarán el presente proyecto de trabajo. En primer lugar, una **metáfora de la luz**, donde la luminosidad es solidaria de la idea de "cura", de "sanación" o "purificación". La metáfora evoca la imagen de una "visión", de una mirada que

penetra en un *topos* otro, de un ojo penetrante, como el de Apolo, ese señor muy alto, que reina en Delfos o el de Epiménides de Creta.

En segundo lugar, una **metáfora del viaje**, donde la idea de tránsito domina la configuración mental. Para el iniciado, las fronteras se borran y las territorializaciones que fijan a los mortales en una única dimensión espacio-temporal quedan abolidas. El viaje es el viático al más allá y es siempre una experiencia religiosa.

La metáfora lumínica se emparenta con la metáfora del viaje. El viaje nos sitúa en el punto de la mayor luminosidad, en ese resplandor que permite "ver" el orden mismo de lo real. No hay cura sin viaje, no hay poder de curar sin tránsito, porque sólo así el sujeto puede embeberse en la fuente de la sabiduría. Es el contacto con la divinidad la que permite la visión y la acción.

En este marco de consideraciones religiosas, Apolo y Epiménides constituyen figuras emblemáticas del mapa mítico y representan piezas claves de la experiencia religiosa de curación, con fuertes lazos con la tradición chamánica.

Prof. Dr. Roosevelt de Araújo Rocha Jr.

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

A imagem ambígua do poeta-músico nos Hinos Homéricos

Nessa palestra tentarei mostrar que a poesia e a música são caracterizadas de modo ambíguo nos *Hinos Homéricos*: ora de modo positivo, ora de modo negativo. Para isso, comentarei trechos selecionados de vários Hinos onde se fala da atividade do poeta-músico. Mas darei especial atenção ao Hino a Hermes (*Hino Homérico* 4) e ao Hino a Pã (*Hino Homérico* 19), nos quais, de acordo com minha hipótese, o modo ambíguo de caracterizar a poesia e a música é mais evidente.

Prof. Dr. Sylvain Perrot

University of Strasburg

Music, religion and diplomacy in the ancient Greek world

The ancient Greek world was characterized by a significant mobility of people of knowledge, such as artists, who regularly travelled to participate in competitions, besides the merchants and ambassadors. Sometimes these two worlds interacted, as literary and epigraphic evidence show. First, musicians could take part in embassies, which invites us to study closely the reasons that led to sending musicians in a diplomatic context, e.g. to show the alliance of two entities through musical compositions or perform a procession linking two sanctuaries. With the emergence of companies of Dionysian artists, a new phenomenon is to be observed, insofar as the corporations themselves delegate some of their members to negotiate with authorities, whether cities, sanctuaries, or even Romans.

COMUNICAÇÕES

Alair Figueiredo Duarte

História - Doutorado

epibatai@outlook.com.br - PPGH/UERJ - NEA/UERJ

A trierarchia e suas conectividades a partir de uma análise do discurso da Argonáutica de Apolônio de Rodes

A trierarchia, configura-se como uma onerosa liturgia ateniense, no qual um proeminente cidadão se comprometia a financiar a construção de embarcações de guerra do tipo trieres. Além de pagar o soldo a sua tripulação, esse distinto cidadão também possuía a responsabilidade de comandar a belonave e providenciar a manutenção dos portos e instalações náuticas. Documentos do período helenístico como a Argonáutica de Apolônio de Rodes, remonta um passado épico e apresenta Jasão como comandante do navio Argos – uma embarcação construída sob inspiração da deusa Atená. Ação de Jasão no comando da Argos, mantendo contato com diversos grupos distintos aos gregos e sua relação de proximidade como a princesa Medeia, demonstra a capacidade do comandante naval articular contatos diplomáticos e conectividades com comunidades e reinos distintos. A questão nos leva a repensar as funções do trierarcha e a questionar se ela estaria limitada a manutenção de portos e embarcações ou, se detinha funções mais amplas.

Trierarchia / Análise do Discurso / Apolônio de Rodes

Albertino da Silva Lima

História – Doutorado

albertinoslima@gmail.com — UERJ

Simão, o mago de Samaria nas Pseudoclementinas: Conflitos mágico-filosóficos e a circularidade cultural entre os primeiros cristãos.

O movimento de Jesus iniciado na Judeia no início do século I e.c. foi continuado através de seus apóstolos e discípulos. O texto canônico, porém, de cunho histórico que fez inferência à expansão deste movimento foi o Atos dos Apóstolos, escrito pelo evangelista Lucas; nele, personagens que não foram citadas nos evangelhos surgem trazendo uma nova dinâmica ao movimento que já não contava mais com seu fundador – Jesus de Nazaré/Cristo. A organização dos eventos realizada por Lucas apresenta uma personagem – antes de Paulo – que causou um certo atrito entre os primeiros cristãos que estavam sob a liderança de Pedro; Simão foi apresentado como um mago de Samaria que fora acusado de charlatanismo ao querer pagar para aprender os “truques mágicos” realizados por Pedro e João que mesmo tendo se convertido e se batizado foi proibido de seguir com os demais apóstolos. Sob esta direção, com base nas pseudoclementinas, a presente pesquisa visa analisar a personagem oriunda de Samaria e seus conflitos mágico-filosóficos com os apóstolos de Jesus oriundos da Judeia sob a premissa teórica do paradigma da circularidade cultural de Carlo Ginzburg.

Cultura; Filosofia; Magia; Milagre; Simão Mago.

Alexandre Martins Moreno

Centro Universitário Celso Lisboa – Graduado

alexandremoreno@gmail.com - CUCL

Calígula na obra de Suetônio: o Princeps e a caracterização de seu governo

Pretendo apresentar as investigações realizadas por mim em torno da vida de Calígula (12-41 E.C.), terceiro imperador da dinastia Júlio-Claudiana e seu Principado. Como fonte principal utilizei a obra de Suetônio (69-141 E.C.), 'A vida dos Doze Césares'. Meu intento é explorar o local de produção da obra, o contexto político-social de Suetônio e como o autor caracteriza o Principado de Calígula, que pontos o escritor ressalta e quais dá pouca atenção.
Império romano, Discurso, Calígula.

Allan Cezar Alonso

História - Mestrando (a)

allanalonso.historia@gmail.com - UERJ

Profa. Dra. Maria Regina Candido (orientadora)

A representação da philia entre atenienses e citas a partir das análises nas cerâmicas da região Ática no período Clássico.

No período Clássico, sobretudo no século V a. C, observamos uma linha de alteridade construída por grupos proeminentes em Atenas aos estrangeiros, um distanciamento que foi fomentado a partir do teatro grego. Comédias aristofânicas que caricaturaram o de etnia distinta, principalmente os oriundos do leste, formando o cidadão ateniense – civilizado vs. o estrangeiro – “bárbaro”. A narrativa recebeu relevância, principalmente, com historiografias da década de 80 e 90. É sob essa perspectiva, através do olhar de conectividade que analisamos a relação entre esses grupos de etnia distinta a partir de uma relação de philia. As análises imagéticas em cerâmicas do período Clássico nos direcionam não só o contado entre esses grupos, todavia, a amizade construída entre eles.

Conectividade; bárbaros; cidadãos atenienses

Amanda Cristina Amorim Silva Neves

História - Doutorando (a)

manda_crys@hotmail.com – PPGHIST/UEMA

Ostia Antica, Portus Romae: Circularidades e Conexões no Século II D.C.

Ostia Antica ou Óstia Antiga tem um passado fincado em um período muito importante da história do Império Romano. Sua localização privilegiada fez dessa colônia romana um importante centro comercial e um porto de fundamental destaque nas trocas comerciais e culturais estabelecidas ao longo do seu apogeu. Levantada em meados 620 a.C. para a defesa da entrada do rio Tibre, pois era ali naquela foz que o curso d'água se encontrava com o oceano. Surgida em um cenário onde Roma necessita de um suporte marítimo e uma via tanto para receber mercadorias, seu crescimento vertiginoso permitiu a concessão por Roma de lex coloniae, dando autonomia própria e uma magistratura local. Portanto, buscamos aqui refletir a importância do porto nessa trajetória.

Ostia, porto, Roma, circularidades

Amanda de Carvalho Santos Lima

História - Graduando (a)

amandadecslima290699@gmail.com - UFRJ

Prof. Dr. Deivid Valério Gaia (orientador)

Conflitos entre o poder imperial e o episcopado romano: o caso da Imperatriz Eudóxia (395-404) e o bispo João Crisóstomo em Constantinopla (397-403)

Na passagem do século IV d.C. para o século V d.C., a imperatriz-consorte romana do Oriente, Élia Eudóxia (395-404) representou figura importante no contexto religioso e político da Capital, fazendo uso de sua influência e poder em favor da propagação do cristianismo. No entanto, sua atuação foi criticada pelo bispo de Constantinopla João Crisóstomo (397-403), que possuía opiniões agressivas acerca da atuação política de mulheres. Nesse sentido, a presente pesquisa pretende investigar o conflito entre a imperatriz e o bispo, que culminou em seu exílio, analisando as obras “Histórias Eclesiásticas” dos autores Sócrates Escolástico e Sozomeno de Betélia para entender como a imperatriz foi retratada pelos autores. História Antiga, Antiguidade Tardia, Cristianismo, Imperatriz Eudóxia.

Amanda Martins Hutflesz

História Comparada - Mestrando (a)
cleopatrafilhadeisis@gmail.com – UFRJ
Maria Regina Candido (orientador)

Ptolemais enfeitada e Antínoo-Osíris Justificado: A crescente difusão das práticas de magia erótica em Atenas nos séculos V – IV a.C.

Ao longo dos séculos, muitos estudiosos têm trazido ao debate o tema o qual trata dos estudos sobre as crenças e as práticas de magia na Atenas Clássica, repensando inclusive, as possíveis motivações que impulsionaram as maneiras de usar tais feitiços, e reuniram adeptos que habitavam o Mundo Antigo. Analisando a obra de Heródoto, o livro História, percebemos a proximidade entre a cultura dos gregos com as da sociedade egípcia, demarcada com a interação cultural proporcionada pela cidade grega de Naucratis no Egito.

Ao abordar as questões relativas à religiosidade de sociedades tais como a Grécia e o Egito, vale ressaltar que tal tema mantém-se atual e detém amplo espaço nos encontros, congressos, simpósios e publicações. As ações transitaram pelo cotidiano de algumas pessoas com mais frequência do que se possa imaginar. Contudo, fica perceptível que a magia abrange diversas esferas, incluindo o interesse de seus praticantes em obter ganhos e realizações pessoais, ao qual incluímos questões relacionadas à vingança ou ao amor. Buscaremos compreender por meio de análise dos documentos textual e epigráfica e dos relatos historiográficos, como se materializou em meio a tais sociedades a prática de magia, (mageia em grego) dos katadesmoi, estabelecendo assim, um diálogo entre esta pesquisa e o imaginário religioso dos atenienses e egípcios, e os paralelos que ligavam tais práticas com esses múltiplos tipos de pensamentos e sentimentos.

magia, atenas, egito, filtrokatadesmoi

Ana Beatriz Siqueira Bittencourt

Doutorado em História Comparada - Doutorando (a)
bia.sbittencourt@gmail.com – UFRJ
Maria Regina Candido (orientador)

A comunicação e representação dos símbolos judaicos na antiguidade

Os símbolos e imagens dentro do Judaísmo tem papel fundamental e definidor do próprio entendimento étnico-identitário, tanto no campo religioso quanto cultural e social. Do ponto de vista metodológico, esta investigação se concentra nos símbolos que, associados ao suporte material, produzem mensagens marcadoras de memórias, representando imaginários sociais e evidenciando mentalidades coletivas, que à exemplo dos primeiros séculos de nossa era, avançam também em uma perspectiva de resistência desta comunidade. Assim, os símbolos atuam em suas particularidades no amalgamar das ferramentas usadas, transmitindo a imagem que pretendem reafirmar e que, pelo uso, se tornam conhecidos pelo expectador.

Dessa forma, propomos uma investigação e análise dos principais símbolos judaicos utilizados na antiguidade como forma de comunicação e representação.
símbolos judaicos; Judaísmo; cultura material; antiguidade;

Bernardo Araujo Belfort Bastos

História - Mestrando (a)

bbelfort0@gmail.com – UFRJ

Maria Regina Candido (orientadora)

Si vis pacem para bellum: entre o sagrado e as conexões no Mediterrâneo Antigo, se encontra o ano de 146 a. C., onde Roma destruiu duas cidades: Cartago e Corinto.

A nossa comunicação propõe-se discutir o ano de 146 a.C. onde a tradição religiosa Romana que tinha como política sagrada o Bellum Iustum destruiu duas cidades: Cartago e Corinto que por muitos anos se conectaram a Roma seja por aproximação (tratados de amizade), práticas e encontros culturais na interligação entre o mar e a paisagem marítima, mobilidades; migrações; memórias e identidades. Corinto era um lugar estratégico essencial, chave para o Peloponeso, centro de comunicação entre Oriente e Ocidente, assim como Cartago uma cidade que se destacava por sua posição geográfica privilegiada e com uma zona portuária que garantia êxito nas atividades comerciais e marítimas - Tanto Corinto quanto Cartago pareciam poderosas, mas por que não empreenderam uma política imperialista mais sistemática no mediterrâneo Antigo? - Como explicar que as vantagens naturais territoriais tanto de Corinto quanto Cartago se transformaram em fragilidades políticas e militares? Para apoiar as reflexões, exemplos históricos específicos serão discutidos para entendermos o porquê Roma resolveu destruir duas cidades importantes, e que por certo tempo foram aliadas, no fatídico ano de 146 a.C.

Cartago, Corinto, Conflito e Conectividade

Beatriz Gambini Comba de Araujo

História - Graduado (a)

beatrizgambini@id.uff.br – UFF

Profa. Dra. Carolina Fortes (orientadora)

Relações de gênero a partir do Tratado do Amor Cortês: Uma análise sobre as representações do feminino e masculino em André Capelão

Essa pesquisa tem como objetivo analisar a construção discursiva acerca das identidades de gênero representadas na obra Tratado do Amor Cortês, redigida no século XII, por André Capelão. Objeto de diversos estudos, seu conteúdo permanece fonte de discussões em relação ao significado e pretensões do autor. Deste modo, este trabalho propõe-se a abordar a obra a partir da perspectiva das relações de gênero, com ênfase nos enunciados que buscam retratar a natureza humana em suas especificidades diante da diferença entre os sexos, a fim de demonstrar a construção histórica de como foi concebido o homem e a mulher medievais. Como uma literatura tratadista, esta possui um caráter pedagógico moral, com objetivo de instruir comportamentos sociais almejados no momento de produção. Portanto, buscaremos examinar as práticas de discurso que constituem a justificativa do autor em determinar caminhos para a condenação feminina e a salvação masculina.

Amor Cortês; Idade Média; relações de gênero

Bruno de Cerqueira Braz

História - Graduando (a)

brunocbraz300@gmail.com – UERJ

Maria Regina Candido (orientadora)

Rio Aqueronte: a última fronteira entre a vida e a morte

A navegação é intrinsicamente ligada a cultura grega desde a civilização minoica e micênica, uma vez que consideravam o mar como o centro da vida social e política. O ambiente marítimo é cenário de epopeias, como no caso de Odisseu, onde esse espaço é o meio pelo qual as tramas se desenrolam em forma de viagens. Essa importância é vista nas figuras míticas, onde o mar assume diversas personificações e sentidos, como nos casos de Tálassa, Pontus, Posídon e Oceano. Nesse eixo temático, Oceanus, filho de Urano e Gaia, é descrito como divindade das águas correntes, do fluxo e refluxo e rio primordial o qual cobre e liga toda a Hélade. No entanto, como descrito por Homero, ultrapassar os limites de Oceano denotava o ato de morrer, uma vez que suas águas faziam fronteira com o Rio Aqueronte. Esse rio era creditado como local de entrada para o reino de Hades, onde diversas “almas” faziam sua última viagem para o post-mortem. Conquanto, a figura de Caronte surge no período clássico como intercessor da fronteira entre Oceano e Aqueronte, servindo como navegante infernal. Analisaremos, sob o conceito de fronteiras, a delimitação existente entre a vida e a morte existente na relação entre Oceano e Rio Aqueronte.

Rio Aqueronte, fronteiras, morte

Brunna Fernanda Freire Bezerra da Cruz

História -Mestrando (a)

brunna.freire@ufpe.br - UFPE

Prof. Dr. Renato Pinto (orientador)

A etnicidade dos Povos do Mar por meio das fontes egípcias: um caminho possível.

Durante o Bronze Final no Mediterrâneo Oriental ocorreu o que a historiografia nomeou de Colapso da Idade do Bronze. Nesse período sobreveio sobre o Egito uma série de conflitos, dentre os quais as batalhas contra os “Povos do Mar”. Este artigo tem como objetivo analisar as fontes egípcias quanto a estes conflitos na tentativa de investigar sua possível utilização para estudos acerca da etnicidade destes referidos povos. Para tal serão utilizadas abordagens arqueológicas e historiográficas em fontes escritas, epigráficas e iconografias referentes a estas batalhas, ocorridas nos reinados dos faraós Merneptah e Ramessés III. Este estudo indica que as iconografias presentes no Templo Funerário de Medinet Habu possuem imenso potencial para estudos étnicos quanto aos “Povos do Mar”.

bronze final; povos do mar; etnicidade; Merneptah; Ramessés III; Medinet Habu

Caio Filipe dos Santos Negreiros, Emanuel Amaro dos Santos Fernandes, Julia Annido Nunes, Matheus Bittar de Paula Tavares e Yasmin Gomes Cardozo

História - Graduandos (as)

negreiros.filho@hotmail.com - UFRRJ

Profa. Dra. Nely Feitoza Arrais (orientadora)

Línguas antigas e o ensino de história: o egípcio clássico como objeto de estudo.

Entre os diferentes objetos utilizados para os estudos do mundo antigo, as línguas funcionam como um dispositivo que une ensino, história, ciência e cultura. Dessa forma, este trabalho busca conectar o ensino de línguas antigas com o ensino de história antiga, apresentando a metodologia utilizada para propor uma dinâmica entre o ensino do egípcio clássico e as perspectivas sobre a construção cultural dessa sociedade, sob a perspectiva dos resultados do minicurso apresentado, sob o título de “Língua egípcia: rudimentos à decifração de hieróglifos e histórico da língua”, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 2022.

Ensino de história antiga; línguas antigas; egípcio clássico;

Camila Alves Jourdan

História - Pós-doutoranda

camilajourdan.uerj@gmail.com - PPGH-UERJ

“Saciar-se do pranto”: o luto de homens e mulheres na tradição homérica

A tradição homérica é notável pela forma como incorpora a temática da morte, tanto em sentido literal quanto metafórico, em suas narrativas. Nesse contexto, é fundamental compreender os papéis desempenhados por homens e mulheres enlutados, cujas ações e atitudes influenciam diretamente o processo de luto. Os rituais fúnebres descritos nas obras seguem uma ordenação específica, que inclui o momento do choro e do lamento.

Na *Ilíada* e na *Odisseia*, encontramos inúmeros versos que expressam o pesar pela perda de entes queridos ou pela crença em sua morte. É interessante notar que, nos momentos de luto retratados nessas obras, há uma ênfase no choro e no derramamento de lágrimas efusivas. Nesse sentido, nosso objetivo nesta comunicação é analisar os aspectos relacionados ao choro e ao lamento pela morte, explorando o processo de luto descrito nas obras homéricas até o momento em que os indivíduos afetados conseguem “saciar o pranto”.

Tradição homérica; Luto; Choro.

Daniel Soares Veiga

História – Doutorado

danisoavei@yahoo.com – UERJ

A mentalidade militarista romana e sua influência sobre a ritualística dos primeiros cristãos.

O objetivo desta pesquisa consiste em analisar o impacto e a influência que o fascínio pelo militarismo, latente na sociedade imperial romana, exerceu sobre a ritualística dos primeiros cristãos urbanos e de como estes reinterpretaram e ressignificaram este fetiche pelo universo militar, transformando-o em um veículo eficaz para propagação da sua mensagem religiosa. A reformatação dos valores inerentes ao simbolismo da guerra e da disciplina militar dentro do universo mágico de curas e exorcismos dos primeiros cristãos não só evitou que esta mentalidade belicista se tornasse um empecilho para a sobrevivência do cristianismo, como acabou se tornando um atrativo responsável pela conversão de inúmeros indivíduos a esta nova religião.

exército romano, cristianismo, êxtase religioso, exorcismos, xamanismo.

Darcylene Pereira Domingues

História - Doutorando (a)

darcylenedomingues@gmail.com – UFPel

Fábio Cerqueira Vergara (orientador)

Discurso e ação feminina em As Traquínias e Medeia

O presente trabalho visa demonstrar ao longo da escrita as principais reivindicações do feminino, por meio do discurso trágico, nas obras aqui citadas: Medeia de Eurípides e As Traquínias de Sófocles. Nesse sentido, analisamos o discurso produzido por essas personagens femininas ao longo do enredo trágico e dimensionamos também as suas atitudes referentes a ação teatral e aproximação com o Coro. O teatro grego é uma produção muito específica, vinculada ao século V a. C., na cidade de Atenas e apresenta-se como fruto da realidade isonômica que a pólis vivenciava. Os textos trágicos nos oferecem de forma discursiva embates e reivindicações do feminino para com o masculino, mulheres adúlteras, assassinas, dissimuladas que tem o poder de fala no teatro. teatro; tragédia; feminino.

Giselle Moreira da Mata

História - Doutorando (a)

giselle.hist.dir.ped@gmail.com – UFG

Prof. Dra. Ana Teresa M. Gonçalves (orientador)

A Guerra de Tróia na Epopeia e Tragédia grega: Ambiguidades entre o herói de Homero e Eurípides (Século VIII e V a.C.).

A mitológica guerra entre os Aqueus e os troianos foi alvo de posicionamentos distintos nas narrativas de Homero e Eurípides. Enquanto o primeiro apoiou os gregos, o segundo se mostrou partidário dos teucros. Dessa maneira, o objetivo desta comunicação visa analisar por meio da História Comparada, o herói homérico e o euripidiano. Com base nas representações antagônicas do rei lacedemônio Menelau de Esparta, é possível verificarmos uma antítese entre os dois tipos de herói verificados nas obras desses dois compositores. Eles se mostraram parecidos, mas não eram idênticos. O contexto em que foram escritas, assim como, a tipologia e a audiências dessas obras, foram fatores decisivos para as visões distintas dos autores acerca do mesmo personagem. herói, tragédia, epopeia, canto, teatro.

Felipe Marques Maciel

Letras Clássicas - Doutorando (a)

fmarquesmaciel@gmail.com – UFRJ

Fábio de Souza Lessa (orientador)

Gestar e gerir emoções nas épicas homéricas: conflitos entre o cuidar de si e o cuidar dos outros

O objetivo desta comunicação é mostrar como as práticas de cuidado na poesia homérica (Ilíada e Odisseia) estão permeadas pelas emoções, e como a gestão das emoções constitui, desde Homero, pelo menos, uma prática de cuidado de si. Para isso, verificaremos como a poesia homérica apresenta arranjos de cuidado específicos em que são mobilizados diversos marcadores sociais de diferença, como idade, gênero e posição social; a partir de então, analisaremos passagens da Ilíada e da Odisseia nos quais o cuidado e as emoções recebem um tratamento que merece atenção. Para o estudo do cuidado, utilizaremos conceitos e noções de Joan Tronto, Donna Haraway e Maria Puig de la Bellacasa; para as emoções, David Konstan, Barbara Rosenwein e William Reddy. cuidado; emoções; épica grega; Homero

Felipe Nascimento de Araujo

História Política - Doutorando (a)
felipefmna@gmail.com – UERJ

tões acerca do conceito de trabalho e profissionalismo na Antiguidade Clássica: uma análise do ofício e da prática musical na cultura helênica.

Na cultura helênica não existia um termo específico correspondente à nossa noção contemporânea de “trabalho”. Em vez disso, havia um conjunto de atividades que podiam ser enquadradas, tais como o trabalho agrícola no espaço rural e pequenos ofícios como o de sapateiros, oleiros e escultores. A historiografia tradicional, baseada em autores como Platão, Aristóteles e Xenofonte, estabeleceu a visão de que, na cultura clássica, todo tipo de atividade laboral era malvisto e desprezado, incluindo a prática musical. Sendo assim, nesta comunicação, pretendemos abordar a diversidade de perspectivas sobre a atividade laboral dos músicos gregos e problematizar a própria atribuição do conceito de “profissional” e “trabalho” no contexto histórico da época clássica.
Música; Trabalho; Profissional; Grécia Clássica

Ian Cartaxo Machado

USP -História Econômica - Mestrado
iancartaxo@usp.br – USP

Ana Paula Magalhães (orientador)

Nobilitas, Creditores, Debitores e a Coerção: Dominação Social e Endividamento

A presente comunicação faz parte de nossa pesquisa de mestrado em desenvolvimento sobre as relações financeiras no século I AEC. Pretendemos apresentar nosso desenvolvimento sobre a temática do papel dos credtores na formação social romana no final da República, que atuavam como intermediários financeiros da nobilitas para empregar a violência física e a coerção sobre as elites provincianas de Roma, que, nessa relação social, eram os debitores. Nós entendemos que a ideologia do otium cum dignitate legitimou a existência desses agentes financeiros, já que a nobilitas só não agia diretamente nessas relações financeiras devido aos costumes apregoados naquela ideologia. Assim, traremos breves reflexões acerca dessa seara e como essa análise vem sendo desenvolvida no exame das fontes documentais no mestrado.

Ideologia; Dominação Social; Relações Financeiras; Coerção.

Gustavo Henrique Marques Maciel

História - Graduando (a)
Maciellgustavo@gmail.com – UERJ

Maria Regina Candido (orientador)

O Papel da Cozinha e dos Alimentos no Antigo Egito.

Pães, cereais, frutas e carnes faziam parte da dieta cotidiana dos povos nilóticos, a produção destes alimentos, desde o processo de plantio até seu consumo de fato fazem parte de uma parte da cultura e das tradições destes povos, estando em suas casas todos os dias, nas suas refeições ou em suas oferendas e rituais de culto aos deuses. O processo de produção de alimentos era tão sofisticado e importante para os povos ribeirinhos que estes passaram até mesmo a utilizar a domesticação de animais para ajudar no trabalho, como a exploração de macacos amestrados que ajudavam a colher figos (MILLARD, 1975).

Alimentação; oferendas; animais.

Heloisa Motelewski Trippia

História – Licenciatura - Graduando (a)

heloisamotelewski@gmail.com – UFPR

Profa. Dra. Renata Senna Garraffoni (orientador)

Conectividades Isíacas em Tensões Discursivas Contemporâneas: As religiosidades romana e egípcia sob o prisma cinematográfico de Ambrosio (1913)

Em nossa pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC/UFPR, 2021 e 2022), buscamos a visualização da recepção da antiguidade em *Os Últimos Dias de Pompeia*, de Ambrosio (1913). Nesta película, observamos imagens de antigos egípcios em estereotípias “orientais”, acentuadas em representações isíacas. Às vistas disso, a presente comunicação objetiva esquadrihar aproximações iconográficas delimitadas em um entendimento italiano moderno das relações entre religiosidades romana e egípcia. Para isso, mobilizaremos criticamente vínculos criados entre as materialidades romana e egípcia. Afinal, utilizadas de modo a fundamentar sua narrativa orientalista (SAID, 1990), que faz emergir conectividades religiosas antigas em tensionamentos discursivos contemporâneos, visamos ponderar acerca de suas funções na criação de discursos quanto às relações entre orientais e ocidentais à perspectiva de seu produtor.

Cinema; Estudos de Recepção; Ísis; Pompeia; Orientalismo.

Jerrison Patu de Melo Alves

PPGHC - Mestrando (a)

jerrisonpatu@gmail.com – UFRJ

Maria Regina Candido (orientador)

Os persas de Ésquilo sob a ótica do multiculturalismo proposta pela hetaireia dos democratas na Atenas Clássica (472 a.C.)

A presente comunicação tem como objetivo apresentar algumas considerações sobre a religião e a política no espaço teatral, do período clássico ateniense (séc. V a.C.). Para isso, analisaremos a Grande Dionísia, festividade em honra ao deus Dioniso, e a dramaturgia “Os Persas” de Ésquilo datada de 472 a.C. Abordaremos assim, a utilização da religião para transmitir os assuntos políticos da pólis/cidade-estado de Atenas, pois Péricles era pertencente a hetaireia/grupo político dos democratas e financiador da dramaturgia de Ésquilo, que através da encenação propõe um multiculturalismo a partir da aproximação entre estrangeiros e atenienses, conseqüentemente, apresenta uma crítica ao seu adversário político, Címon. Desse modo, acarreta a investigação da teatralidade como um espaço religioso, de entretenimento e de debate político.

espaço teatral; festividade; hetaireia

Jessica Brustolim

Programa de Pós-Graduação em História Social - Mestrando (a)

jessica.brustolim@usp.br – USP

Júlio Cesar Magalhães de Oliveira (orientador)

Magia e Religiosidade Popular nas Defixionum Tabellae Mogontiacenses

Muitos estudos sobre magia na Antiguidade tendem a tratá-la como um aspecto a parte das práticas religiosas. Entretanto, ao observar fontes, como as defixionum tabellae, fica evidente que há um forte aspecto religioso vinculado à produção dessas fontes. Desta forma, o objetivo desta comunicação é

analisar parte do corpo documental proveniente da antiga Mogontiacum romana, as Defixionum Tabellae Mogontiacenses, observando as referências ao ritual de deposição e as relações sociais presentes nessas fontes. A partir desses elementos, defende-se a hipótese de que as maldições atuam como oferendas votivas, criando um vínculo de favor com a divindade invocada, e, também, funcionam como um recurso de empoderamento para certos grupos em relações assimétricas de poder.
Magia; religião popular; defixionum tabellae; Mogontiacum;

João Pedro Barros Guerra Farias

História - Mestrando

joapedrobarrosgf@gmail.com - PPGHC-UFRJ

Fábio de Souza Lessa (orientador)

Emoções e gênero: uma análise comparada dos medos entre Homero e Virgílio

O mundo moderno produziu um paradigma que ainda permeia e se reproduz na contemporaneidade. Este paradigma é o da mulher “louca”, “histérica”, incapaz de controlar suas emoções. Esse discurso, produzido pela própria masculinidade ocidental, tem sua legitimação em uma oposição entre emoção e racionalidade, onde os homens seriam mais capazes de agir racionalmente, por serem menos passionais, e as mulheres, por outro lado, seriam incapazes de agir racionalmente, por serem mais passionais e/ou “temperamentais”. Foi pensando nessa construção que nossa pesquisa veio a surgir. Partindo de um *modus operandi* indiciário e um desejo de compreender a genealogia dessa dicotomia, nos questionamos sobre como esse discurso funcionava na literatura grega e latina, especialmente em Homero e Virgílio. Assim, ao analisar a epopeia homérica e a poesia virgiliana, a partir de uma perspectiva comparada, pretendemos entender de que maneira essas duas literaturas percebiam a relação entre gênero, emoções e medos.
Emoção; Medo; Gênero; Homero; Virgílio

José Petrúcio de Farias Junior

História – Doutorado

petruciojr@terra.com.br - UFPI

A invenção do nascimento de Jesus de Nazaré entre Celso e Orígenes: controvérsias religiosas

Nesta comunicação, propomo-nos refletir sobre a recepção da narrativa mítica cristã em autores não-cristãos, como Celso, que publica, por volta de 180, Sobre a Verdadeira Doutrina, na qual defendia a veracidade do paganismo clássico frente aos discursos cristãos. Essa obra se perdeu por motivos ainda não evidentes, mas podemos conhecê-la por causa da minuciosa refutação de que foi objeto pelo exegeta cristão Orígenes de Alexandria, que, em meados do século III EC, escreveu Contra Celso, a primeira obra dedicada à contestação das alegações anticristãs. Diante disso, enfatizaremos o relato sobre o nascimento divino de Jesus de Nazaré como referência para compreender as bases da controvérsia entre Celso e Orígenes bem como os fundamentos religiosos do discurso apologético de Orígenes.
Orígenes de Alexandria, Contra Celso, narrativa mítica cristã

História – Doutorado
alcaeusappho@gmail.com - CEHAM/NEA/UERJ –

A relação Bendis-Themis: religião, conectividade e xênia entre atenienses e trácios

Em um skyphos do Museu universitário de Tubinger (Alemanha – S101347), do artesão-pintor Phiale, encontramos a representação figurada da recepção (ateniense) da titânia da lei e da ordem divina, Themis (a senhora do bom conselho) e a deusa estrangeira, Bendis caçadora (Trácia). A cena destaca a introdução da divindade ao panteão, culto e tesouro ateniense, por intermédio do festival das tochas, a Bendideia (República de Platão, 328). As divindades apresentam-se com trajes e instrumentos rituais simbolizando-as como imagens da personificação política decorrente dos acordos geoestratégicos entre a Atenas democrática e a realeza trácia contra-ataques estrangeiros. Acreditamos que o artesão-pintor elaborou uma arte política ao enfatizar as divindades femininas e suas respectivas atividades rituais como essenciais para a organização e manutenção e defesa do sistema poliade. Divindades, cerâmica, conectividade, religião, polis

João Vinícius Gondim Feitosa

História - Doutorando (a)
joaofeitosa377@gmail.com – UFPE
Renato Pinto (orientador)

Higeia de sorriso suave: a construção literária da deusa da saúde na Grécia Antiga

Pretendo investigar como a imagem da deusa Higeia, a deusa grega da saúde, se desenvolveu no fragmentário registro literário em que ela aparece. O termo Hygieia, de início, definiria um estado desejado de mente e corpo. Ao longo dos séculos V-IV a.C., o termo vai se personificar em uma deusa, feita filha do deus Asclépio e intrinsecamente associada ao seu culto, formando, ao lado do pai, um sintagma ritualístico muito comum na epigrafia votiva. Apesar de sua mitologia relativamente pobre, Higeia figurará no séquito de Asclépio como a deusa mais importante e sua imagem será construída como uma deusa que, além de curar, inspira, traz felicidade, garante a fruição de prazeres, guarda relação com as crianças e com as mulheres.

Higeia; rituais de cura; saúde

Juliana Magalhães dos Santos

Arqueologia - Pós-doutoranda - MAE-USP
jumagasantos@gmail.com - MAE-USP/NEREIDA-UFF

***“O que não tem duas partes, na verdade existe”:* Androginia e erotismo na produção iconográfica da Magna Grécia no IV séc a.C.**

Esta apresentação tem como objetivo refletir sobre a importância de elementos simbólicos na iconografia produzida pelas colônias da península itálica. Veremos que a alusão a figuras mitológicas em vasos de figuras vermelhas reforçava o equilíbrio da vida, os papéis esperados, chancelou a influência metropolitana e criava narrativas de diferenciação. A partir da metade do séc V a.C, o Eros poderia ser visto como elemento endógeno de caráter feminizado. Diferente da Ática, o Eros italiota se volta para o feminino com máxima atribuição e associação, reconfigurando o poder de barganha sexual. Isso se traduziria no reescalonamento das funções da deidade. A partir de considerações arqueológicas e das propostas metodológicas dos regimes de gênero apresentaremos algumas ideias sobre como se estabeleceu esse processo.

Mediterrâneo Antigo; Iconografia ápula; Estudos de gênero; Sexualidade; Androginia.

Junio Cesar Rodrigues Lima

História – Doutorado

revjuniocesar@gmail.com - NEA/UERJ

Dr.^a Maria Regina Candido (orientação)

Herodes, rei dos judeus ou monarca dos judeanos: quando o rito de pertencimento não é suficiente para gerar inclusão étnica e minimizar conflitos sociais

Desde os tempos antigos, a prática da circuncisão (Brit Milá) tornou-se o símbolo de pertencimento ao povo judeu, um “sinal na carne”, a remoção da alteridade em favor do estabelecimento da identidade, uma declaração de judaísmo sobre órgão que seria responsável pela criação das gerações futuras. O rei Herodes descendia de uma família que, ao ter sua cidade dominada e anexada ao povo judeu pelos asmoneus, passou por uma circuncisão coletiva, ou seja, o rito de pertencimento e sinal de inclusão étnica no interior da comunidade. Para a aristocracia judaica do século I d.C., um indivíduo poderia facilmente se tornar um judeu através do Brit Milá, observância das regras alimentares e da prática de um dos judaísmos, principalmente aquele praticado no templo e nas sinagogas. Apesar de atender essas prerrogativas, Herodes Magno sempre foi tratado uma espécie de “semijudeu”: alguém que, na lógica discursiva do historiador judeu Flávio Josefo, quer por ignorância cultural ou ruptura étnica, permaneceria a margem da história e cultura judaica. Parece-nos que, caso de Herodes, o rito de pertencimento não foi capaz de gerar inclusão étnica. A problemática em torno das motivações para isso é o objeto de estudo deste trabalho. Circuncisão; Identidade; Alteridade; Relações de Parentesco; Rito de Pertencimento.

Larissa Barbosa de Oliveira

História - Graduando (a)

larissaoliveira.work22@gmail.com – UERJ

Dra. Maria Regina Candido (orientadora)

As representações dos Cultos de Mistérios na Grécia Clássica: Orfismo em perspectiva

Buscamos estudar as representações e o impacto social na Grécia Antiga dos Cultos de Mistérios emergentes no Período Clássico, dando ênfase à investigação de determinada filosofia de vida, por vezes confundida com religiosidade: o Orfismo. Tendo as lâminas órficas provenientes da região mediterrânea como principal objeto de estudo, utilizamos a metodologia de análise do conteúdo, sendo aplicada a partir do quadro de análises formulado pelo NEA-UERJ, a fim de examinar os escritos sagrados de tal “religião”. Buscando compreender também: o papel social das práticas religiosas e ritualísticas e como aconteciam, propriamente, os cultos aos quais estamos estudando, a partir da análise da materialidade, como: vasos, afrescos, papiros e as placas de ólbia e, buscado na historiografia produzida o arcabouço necessário para construirmos a pesquisa.

Orfismo, cultos de mistérios, religião grega.

Luana Grace Guerrieri Araujo

História - Mestrando (a)

luana.guerrieri@hotmail.com - UERJ - Profa. Dra. Maria Regina Candido (orientadora)

O Rapto das Sabinas: espetáculo e amor na narrativa ovidiana (Ars Amatoria I, vv. 101-131).

O Rapto das Sabinas, episódio mitológico que trata da miscigenação dos romanos com o povo vizinho é narrado por diferentes autores romanos. Dentre eles, encontram-se Tito Lívio, Marco Túlio Cícero e Públio Ovídio Naso. Aqui o enfoque será a versão que Ovídio apresenta do célebre mito narrado em seu poema erótico-didático *Ars Amatoria*. Nele, o poeta, ao contrário dos outros escritores, usa esse evento para mostrar aos seus leitores a conveniência de se ir ao teatro para encontrar na plateia uma amante. Por meio do excerto analisado, verificamos que Ovídio, ao introduzir o evento no contexto de um poema

elegíaco, não se detêm nos motivos das ações dos latinos, mas na correlação estabelecida socialmente entre o ambiente teatral com a busca pelo prazer sexual
Rapto das sabinas. Ovídio. Amor. Teatro.

Maria do Carmo Parente Santos

História – Doutorado

beccaria10@yahoo.com.br - UERJ

Império, Cristianismo e Conversão

O nascimento de uma nova religião em uma das províncias do Império Romano, não deveria ter causado nenhum grande abalo e muito menos seus seguidores terem sido alvos de perseguições por parte do Estado Romano, uma vez que este sempre se mostrara profundamente tolerante em matéria religiosa. Mas, não foi isto que ocorreu. Periodicamente, o clero cristão, assim como os seus seguidores de Cristo foram alvos de perseguições, algumas destas bastante intensas e sanguinárias.

Contudo, em 325 o imperador Constantino pôs em vigor o Édito de Milão iniciando um rápido processo de associação entre o Império Romano e a Igreja Cristã, fazendo por este ato nascer o período da História de Roma a que os historiadores passaram a nomear como Império Romano Cristão, no qual o poder imperial legitimou-se na crença de que o soberano exercia o poder por obra e graça de Deus sendo qualquer contestação contra este poder um crime não somente de ordem temporal, mas também espiritual.

O tema de nosso trabalho é uma reflexão sobre o lento processo pelo qual as autoridades romanas e cristãs conflitaram-se, mas, de que modo, e por quais motivos acabaram por alinharem-se.

Além disso, desejamos também entender qual s a real extensão do poder imperial legitimado pela religião cristã bem como os limites que esta aliança impôs a este.

Mariana Figueiredo Virgolino

História – Doutorado

marianavirgolino@gmail.com – UFF

Deméter, Perséfone e os Deinomênidas: Religião e Crise na Sicília Antiga (séculos VI-V a.C.)

Por muito tempo, a tirania foi considerada como período de transição de governos aristocráticos para a democracia. Todavia, estudos mais recentes desconstruíram essa visão: hoje entende-se que as autocracias na Grécia Antiga foram consequência de transformações dentro da aristocracia. O tirano usa suas conexões políticas para ocupar uma posição de proeminência em sua pólis ou mesmo em outras cidades.

Analisaremos a tirania dos Deinomênidas, vigente no século V a. C, buscando compreender como os mesmos se conectaram e expandiram o culto a Deméter e Perséfone nas cidades de Gela e Siracusa, de forma que as deusas se tornaram parte da gramática política siciliota.

Grécia Antiga, Sicília, Deméter, Tirania

Marina Pereira Outeiro

História - Doutorando (a)

marina_outeiro@hotmail.com – UERJ

Mães, esposas e filhas: a participação feminina da sucessão real cuxita (VIII-V a.C.)

As mulheres da realeza, atuavam diretamente na vida religiosa e política de Cuxe. Através do exercício de importantes cargos religiosos, influenciava na escolha do novo rei, fortalecendo e legitimando seu governo. Identificamos que, a partir da ascensão da XXV dinastia, a atuação feminina na esfera religiosa extrapolou os limites do sagrado, se imiscuindo nos assuntos profanos.

Mulheres; Religião, Política, Cuxe

Matheus da Silva Carmo

História - Mestrado

mateuscarmo.ms@gmail.com - UFJF

Atalia, a rainha regente do reino de Judá (842 a.C.—837 a.C.)

Esta apresentação destina-se a lidar com a figura de Atalia (2KINGS 11,1-20), que foi a única mulher a governar o reino de Judá na antiguidade. Embora o texto bíblico a classifique como uma governante ilegítima, a historiografia, nos últimos anos, propôs a possibilidade de vê-la como um governante legítimo que reinou temporariamente como regente em favor de seu neto Joás, que na época era muito jovem para assumir o governo de Judá. Além disso, a historiografia também propôs que grande parte da visão negativa que se tem de Atalia é devido ao fato de que a maioria dos textos bíblicos foram escritos por remanescentes do grupo que se opuseram a ela, sua regência e sua casa dinástica de origem, ou seja, a Casa de Omri. Com base nisso, propomos analisar como a historiografia recente olhou para Atalia e o período de seu governo em Judá.

Atalia. Regência. Bíblia Hebraica. Judá.

Mateus Mello Araujo da Silva

História – PPGH – UFF / Doutorando

mateusaraujomello@hotmail.com - NEREIDA-UFF/ MAE/USP

Deuses e heróis entre Argólida e Ásia Menor: Atena, Pégaso e Belerofonte na Cária e na Lícia

A comunicação tratará das ligações genealógicas, religiosas e diplomáticas construídas entre os gregos da Argólida e as populações gregas e não-gregas da costa da Ásia Menor a partir de três figuras importantes nos mitos pan-helênicos: Atena, Pégaso e Belerofonte. Para tal serão mobilizados testemunhos literários, epigráficos e numismáticos que deem conta das complexas relações de (re)apropriação e (re)leitura de mitos compartilhados entre contextos diversos de ambas as margens do Egeu, especialmente no período helenístico.

Palavras-chave: Divindades; Ásia Menor; Argólida.

Michelle Paiva Marinho

Letras Clássicas - Mestrando (a)
Fernanda Messeder Moura (orientador)
UFRJ

Eram os 3 reis magos mitraístas?

No princípio da era cristã, os romanos estavam divididos entre os cultos cristão e mitraísta e compartilhavam crenças e práticas religiosas, no que hoje entendemos como um bem-sucedido sincretismo religioso. Muitos romanos se encontravam divididos entre esses dois credos e alguns, inclusive, julgavam que Jesus Cristo e o deus de origem persa, Mitra, pudessem ser a mesma divindade, em momentos diferentes de sua existência, em contato com as criaturas humanas. Deste modo, este trabalho faz uma breve análise das disputas por discípulos travadas entre o Cristianismo e o Mitraísmo - cujos praticantes originais eram conhecidos por magos na Pérsia - na Roma antiga, através de alguns textos daquele período histórico.

Cristianismo, Mitraísmo, sincretismo religioso, magos.

Mohamed Zein

Egyptology – Doutorado
mohamed.ahmed.seclin@gmail.com - Université de Strasbourg

The Rites of Funeral processions as Tools for Overcoming Death

In ancient Egypt, death was not seen as an end but as a transition between two phases of existence, one on earth and one in the afterlife with the gods. To access

Dans l'Égypte antique, la mort n'était pas vue comme une fin mais comme une transition entre deux phases de l'existence, l'une terrestre et l'une dans l'au-delà auprès des dieux. Pour accéder à cette seconde vie, les égyptiens devaient remplir un certain nombre d'obligations. Pour accéder à l'au-delà, ils procédaient à des rites religieux et magiques lors de la momification et des funérailles. Ils pensaient que grâce au bon déroulement de ces rites, ils pourraient vivre dans le monde des morts conçu sur le modèle de celui des vivants.

Il faut savoir qu'il y a des images ou des concepts de la mort qui ont une corrélation avec les rituels funéraires. Ces images ont incité et dirigé des actions rituelles. Les images et les rites fonctionnent ensemble. Ils surmontent l'effet paralysant et traumatisant de la mort et rendent la mort « traitable » de quelques façons. Sans de telles figuration de la mort, il n'y aurait pas de traitement ou d'activité.

rites - funeral - images – death - eternity

Ninna Koritzky Falconiere Lopes

História – Mestranda
ninnafalconiere@id.uff.br - NEREIDA-UFF - PPGH-UFF

Do bosque ao mar: análise iconográfica da Tumba da Caça e da Pesca da necrópole de Monterozzi na Tarquinia

Com muitas cores, plantas e animais, a Tumba da Caça e da Pesca, localizada na necrópole de Moterozzi na Tarquinia, é um importante exemplo da arquitetura funerária etrusca do final do século VI a.C. Para esta comunicação é proposta uma breve análise iconográfica das pinturas parietais presentes nas duas câmaras que compõem este monumento funerário, compreendendo seu posicionamento como um aspecto fundamental, pois influenciariam as práticas rituais que ali se realizavam. Para tal, trabalharemos com o conceito de Ritos de Passagem proposto por Arnold van Gennep, compreendendo a tumba como um espaço ritual orientado, dentro do qual transcorrem as diferentes fases dos ritos funerários – ritos de separação, margem e agregação.

Etrúria; tumbas; período arcaico

Pedro Belfort

História - Mestrando (a)
pedrobelfort98@gmail.com – UFRJ
Daniel Brasil Justi (orientador)

Inventando Impérios: o caso comparado dos Impérios Romano e Chinês

A noção de Império Romano contemporaneamente é uma tradição inventada pelo Imperialismo Britânico que foi capaz de criar uma Roma Imaginária que era imagem e semelhança de uma experiência histórica totalmente posterior da narrada, isto é, a do próprio Imperialismo Britânico do século XIX. Assim como os romanos, também podemos perceber um movimento semelhante pelos historiadores chineses e sinólogos quando abordam a noção de império na China. Do mesmo modo como observamos o caso dos romanos, percebemos que experiências posteriores suscitaram uma invenção da noção de império no caso chinês, contudo essas experiências foram pautadas por eventos antagônicos: o imperialismo europeu na China no século XIX e a Revolução Chinesa em 1949.

Império - Invenção - Imperialismo - Roma - China

Pedro Paulo Guimarães Teles da Costa

História - Graduando (a)
pedro31gtc@gmail.com - Celso Lisboa
Thiago de Almeida Lourenço Cardoso Pires (Orientador)

Heliogábalo e a literatura romana: questões de alteridade e sexualidade

Nessa comunicação demonstrarei os resultados da minha pesquisa sobre o imperador Heliogábalo, uma personagem histórica, que, apesar de ser considerado como um dos piores imperadores romanos, não é tão conhecido nem emblemático como as figuras de Nero, Calígula ou Cômodo. Contudo, Heliogábalo ganhou popularidade recente, devido aos rumores de sua possível transexualidade. Para investigar esse aspecto, me apoiei em três documentos: 'História Augusta', 'A história do Império Romano depois de Março Aurélio' de Horodiano e 'História romana' de Dião Cássio.

Império Romano, Heliogábalo, Literatura romana

Rafael Silva dos Santos

História - Mestrado
rafasantoss92@yahoo.com – UERJ

O mito do herói fundador como matriz religiosa da polis grega

A sociedade políade dos antigos gregos se formou em torno de elementos étnicos e religiosos. Dentre esses últimos destaca-se a crença nos heróis fundadores, os semideuses que deram origem a polis e lançaram as bases étnico-culturais dessas sociedades. Assim, o mito do herói fundador e os cultos ligados a eles ganham lugar na construção da antiga sociedade políade dos gregos, e atuam como fator de identidade dos grupos sociais ocupantes da polis.

Polis; religiosidade; heróis.

Renan Furtado de Luna

História - Graduando (a)
renannam09@hotmail.com – UFRJ
Deivid Valério Gaia (orientador)

O relacionamento de Marco Antônio e Cleópatra na política entre Roma e Egito

O relacionamento entre Marco Antônio, general romano, e a rainha egípcia Cleópatra, está intimamente ligado às mudanças ocorridas na região do Mediterrâneo no século I a.C., período em que Roma e Egito passavam por momentos de tensão em suas relações políticas e econômicas, algo que já vinha se desdobrando desde a primeira metade do século. No contexto do Mediterrâneo, foram as ações de Antônio para com sua amada, dentre outros motivos, que levaram Roma, sob liderança de Otávio, a buscar um confronto decisivo com o Egito, o que acabou resultando em grandes mudanças para o Império Romano, para o Egito e para a região do Mediterrâneo em si, tanto em questões econômicas, quanto em assuntos políticos.

Cleópatra - Egito - Marco Antônio - Roma - Otávio

Sidney de Souza Barros

História – Mestrado
profsidneybarros.historia@gmail.com - NEA/UERJ

A Tribúncia potestas plebeia e sua representatividade política através de Octavianus Augustus (23 a.C. – 14 d.C.)

Com relevância atribuída à inserção da tribúncia potestas aos poderes desempenhados por Augustus, refletimos sobre o conteúdo descrito na Res Gestae Divi Augusti, no qual o próprio princeps escreve ter utilizado deste poder durante todo o seu governo no Principado. As querelas que envolviam as condições governamentais de Augustus relacionadas à plebe romana em contraposição aos desejos da aristocracia foram conduzidas pelo princeps com maestria, de maneira resoluta e obstinada a fazer jus ao poder nele instituído e representado. Segundo Walter Eder (2007, p.13), a este poder estava atribuído um dos principais pilares de sustentação e legitimidade do Principado, o que nos assegura a apoiar nossa argumentação na posição de Augustus no que tange à fundamentação do seu poder estar em ligação direta com o apoio do segmento social plebeu. O poder tribúncio será articulado segundo as pretensões do princeps, configurada a contradição com a tradição romana, que em primeiro caso está condicionada a referir ao cargo de tribuno apenas ser preenchido por um plebeu. Já que Augustus era patrício, em contradição ampla com o costume do mos maiorum, o princeps utilizou da tribúncia potestas repetidas vezes, identificação com adfectatio regni (“luta pela realeza”), mesmo que o princeps introduzisse e argumentasse o oposto desse desejo que configura aspecto monárquico.

Tribúncia Potestas; Augustus; Magistratura Romana.

Severino Altoniles de Freitas

Centro Universitário Celso Lisboa – Graduado

Ensino de História antiga para o ensino fundamental: imperadores romanos e ação política (Mesa Coordenada)

Ensino de História, Fake news e o Império romano – Uma experiência didática com jornais

A proposta dessa comunicação é apresentar os resultados do Projeto de Iniciação científica intitulado “Fake news no Império romano? A gamificação de fontes sobre imperadores para sala de aula”, desenvolvido no Centro Universitário Celso Lisboa ao longo do ano de 2022. Nesse projeto, os graduandos investigaram fontes da Antiguidade que narravam sobre a vida de três imperadores romanos: Calígula, Nero e Heliogábalo. Com o trabalho de investigação concluído, coube a nós organizarmos essas informações e desenvolvermos um material didático para uso em salas de aula de turmas de sexto ano do ensino fundamental.

Império romano, Ensino de História, Antiguidade.

Tayná Yasmin de Almeida Rosa

Arqueologia - Graduando (a)
riosy4622@gmail.com – UERJ
Maria Regina Candido (orientadora)

Sacerdotisas de Isis: Sinais da cultura material em Pompéia entre os séculos c.69 - 79 d.C.

A crença nos deuses é evidente em sociedades longínquas, como a egípcia que é possuidora de um panteão vasto. Dentre os diversos deuses que a população do Egito Antigo cultuava, estava a figura da deusa Ísis, que teve auge de popularidade no Último Período (meados do primeiro milênio BCE), a qual se encontrava presente. Seu culto obteve um número extenso de devotos e transpassou as fronteiras do seu país de origem, navegando por todo o Mediterrâneo por meio da obra de Plutarco intitulado "De Ísis e Osíris". A sua presença é evidente por meio da cultura material presente nas cidades de Pompéia e Herculano, fazendo com que questões sobre o sacerdócio surgissem, visto que a presença feminina é evidenciada nos afrescos das cidades. Com isso, analisaremos qual seria o papel da mulher no culto de Ísis em Pompéia, se era diverso do seu local de origem, o Antigo Egito.

Arqueologia, Ísis, Sacerdotisa, Pompéia, Herculano, Cultura Material, Culto

Thiago do Amaral Biazotto

História – Doutorado
thiago_a_b@yahoo.com.br – Unicamp

Os 18 leões de Nínive: iconografia venatória assíria no palácio norte de Nínive

Esta comunicação explora as imagens de caça ao leão produzidas durante o reinado de Assurbanípal (r. 668 – 627 a.C.), com especial atenção ao corredor C do palácio norte de Nínive (c. 640 a.C.), com duplo propósito: verificar em que medida a violência direcionada aos animais pode ser creditada à associação, típica da cosmologia assíria, entre os leões e as forças do caos ou inimigos terrenos e, também, investigar quais grupos sociais tinham acesso ao palácio de Nínive. Duas linhas de argumentação serão apresentadas. Primeira: a iconografia venatória assíria será tanto melhor compreendida mais quanto for associada aos seus significados cosmológicos. Segunda: diversos segmentos sociais autóctones e estrangeiros tinham acesso ao palácio em questão.

Arte assíria; Caça ao leão; Nínive

Thiago de Almeida Lourenço Cardoso Pires

História – Doutorado –
thiagokpires@gmail.com - PPGH-UNIRIO/Uminho / CUCL - Centro Universitário Celso Lisboa
Nero em 'A Vida dos Doze Césares': Discurso e análise sobre a figura do mau princeps.

Nesse trabalho analisarei alguns trechos da obra de Suetônio (69-141 E.C.), 'A Vida dos Doze Césares', especificamente o livro VI que disserta sobre a vida e o Principado de Nero (31-68 E.C.), último imperador da dinastia Julio-Claudiana. Meu esforço será no sentido de compreender a obra, os discursos do autor e seu contexto de produção. Dessa forma, pretendo demonstrar como a obra desse autor reverbera em produções contemporâneas, alimentando o imaginário popular das mais diversas faixas etárias sobre a figura do princeps Nero.

Vitória de Freitas Machado

História - Mestranda

vitoriafm@id.uff.br - PPGH-UFF

Alexandre Carneiro Cerqueira Lima (orientador)

Vestes, emoções e divindades: representações na estatuária grega do séc VIII a IV a.C.

Nas Histórias de Heródoto, os deuses “são todos invejosos e perturbadores” (Heródoto, Histórias, 1.32 ss.). E no que tange à cultura material, quais elementos regiam a relação entre o mundo dos homens e o mundo dos deuses? Sabemos que as representações mais comunicam sobre o imaginário social no qual se inserem do que propriamente sobre acontecimentos. Nesse sentido, analisando especificamente estátuas gregas entre os séculos VIII a IV a.C., notamos vestígios de cores e símbolos sobretudo atrelados às vestimentas da estatuária, alguns vistos a olho nu. Entre eles, signos orientalizantes, florais e animais reconstruídos através de técnicas recentes e não invasivas aplicadas à estatuária original por diversas instituições de pesquisa renomadas ao redor do mundo, culminando em debates ora mais, ora menos permeados por ambiguidades. Pensando os signos como narrativa pictórica e intencional, nossa comunicação objetiva analisar tais símbolos, por vezes atrelados a rituais, que podem nos fornecer pistas para as representações encontradas, uma vez que existe associação entre esses elementos e atributos divinos com ora mais, ora menos emoções.

Estatuária; Divindades; Narrativa visual.

Victor Lisboa da Fonseca Santos

História - Mestrando (a)

victor.lisboa.santos@gmail.com – UFRJ

Deivid Valério Gaia (orientador)

As relações de Trabalho em Qumran: reflexões iniciais sobre a economia monástica às margens do Mar Morto.

A Comunidade de Qumran, situada no Deserto da Judeia, às margens do Mar Morto, foi estabelecida por um grupo de judeus entre os séculos II a.C. e I d.C. A forma de vida deste grupo foi registrada pelos seus escritos, posteriormente conhecidos como Manuscritos de Qumran. Por meio destes documentos e de outros autores da Antiguidade Clássica, notadamente Flávio Josefo, Fílon de Alexandria e Plínio, o Antigo, apreendemos que esta comunidade religiosa operava em uma economia de tipo monástica. Desta forma, a presente comunicação tem por objetivo, a partir da reflexão dos aspectos econômicos e sociais deste grupo judeu, discutir a questão das relações de trabalho em Qumran por meio dos documentos supracitados.

História Econômica; Manuscritos do Mar Morto; Qumran; Trabalho; História Econômica



UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul
ISPSN – Angola - Instituto Superior Politécnico Sol Nascente, Huambo/Angola
Instituto Numa I- Angola
UHA - Université Haute-Alsace, França
UPU/EHU - Universidad del País Basco, Espanha
UMoron - Universidad de Moron, Universidad de La Plata, Argentina
ITI CREA - Université de Strasbourg, França
UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas
UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina
UFPEL - Universidade Federal de Pelotas
UFPR - Universidade Federal do Paraná, Brasil
USP – Universidade de São Paulo
UFF – Universidade Federal Fluminense
UFPI – Universidade Federal do Piauí
UEMA – Universidade do Estado do Maranhão
UFPR – Universidade Federal do Paraná
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFG – Universidade Federal de Goiás
UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Uminho - Universidade do Minho, Portugal
CUCL - Centro Universitário Celso Lisboa
UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora
UFPE – Universidade Federal de Pernambuco
UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

